

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA - UEPB
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA A COR DA CULTURA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO ÉTNICO-
RACIAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

ANA COELI FONSECA PEREIRA

Percepção sobre a discriminação de crianças negras

**GUARABIRA – PB
2015**

ANA COELI FONSECA PEREIRA

Percepção sobre a discriminação de crianças negras

Monografia apresentada ao Curso de Pós-Graduação, Especialização em Educação Étnico-Racial na Educação Infantil da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB sob a Orientação da Prof^a Dra. Ivonildes da Silva Fonseca como requisito à obtenção do Título de Especialista.

**GUARABIRA – PB
2015**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

P436p Pereira, Ana Coeli Fonseca
Percepção sobre a discriminação de crianças negras
[manuscrito] / ana Coeli Fonseca Pereira. - 2015.
30 p. : il. color.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Educação Étnico Racial na
Educação Infantil EAD) - Universidade Estadual da Paraíba,
Centro de Humanidades, 2015.
"Orientação: Ivonildes da Silva Fonseca, Educação".

1. Criança. 2. Discriminação. 3. Escola. 4. Preconceito
Racial. I. Título.

21. ed. CDD 920

ANA COELI FONSECA PEREIRA

**PERCEPÇÃO SOBRE A DISCRIMINAÇÃO DE CRIANÇAS
NEGRAS**

Aprovada em 14 / 11 / 2015

BANCA EXAMINADORA

Ivonildes da Silva Fonseca

Profª Dra. Ivonildes da Silva Fonseca

(Orientadora)

Monica de Fátima Guedes de Oliveira

Profª Ms. Monica de Fátima Guedes de Oliveira

Paula Maria Fernandes da Silva

Profª Ms. Paula Maria Fernandes da Silva

Média: 8,0

GUARABIRA – PB

2015

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a Deus que até aqui tem demonstrado seu grande amor para comigo, através de suas bênçãos maravilhosas nesta longa caminhada aqui na terra, e a meus familiares, que sempre estiveram comigo para me auxiliar nos momentos mais difíceis de minha vida, em especial ao meu esposo Antonio Palma Pereira, por sempre ter estado ao meu lado, e aos meus filhos, Pedro Artur e Maria Alice que são a minha razão de viver.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, em primeiro lugar, que conhece e sabe todas as coisas, pois Tu és Senhor o meu refúgio e a minha fortaleza. Aos meus familiares que sempre me apoiaram e me incentivaram na realização dos meus sonhos e também pela compreensão da ausência nesse período de formação, e em especial à minha mãe, que para mim é um exemplo de vida, minha irmã Celiane, pelo apoio e incentivo, à minha prima Laize que muito contribuiu para a realização deste trabalho e à professora Ivonildes que iluminou os meus pensamentos, para a realização deste.

Muito obrigada a todos!

“Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, por sua origem ou ainda por sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender, e se podem aprender a odiar, podem ser ensinadas a amar”

(Nelson Mandela)

RESUMO

Esta monografia é o resultado de um estudo a respeito da discriminação a que estão expostas as crianças negras. Veremos inicialmente algumas referências mais comuns dessas discriminações no contexto escolar a partir da visão de alguns estudiosos e, a seguir elucidamos algumas formas que podem promover a baixa autoestima porque passam essas crianças, não somente com relação a aparência física (o cabelo crespo) mas também à psicológica. Por fim, serão discutidas as perspectivas futuras para correção dessas situações a partir do trabalho que o professor pode desenvolver em sala de aula, que é entre outros, em relação a beleza das pessoas negras ou afrodescendentes. E para facilitar a compreensão esse trabalho foi organizado da seguinte maneira: a Introdução em que houve a preocupação em apresentar todo o material referenciado para a temática em questão; a segunda parte referente ao uso dos conceitos de raça, etnia e racismo, preconceito, discriminação. A terceira parte tem uma exposição sobre o sofrimento a que estão expostas as crianças negras e que deve ser evitável, seguido de uma abordagem sobre a mudança da sociedade sobre os cabelos crespos e algumas produções que tratam sobre os cabelos crespos. E para finalizar, as considerações finais acerca deste estudo que pretende contribuir na desmistificação da ótica negativa que foi imposta sobre o cabelo crespo da criança negra.

Palavras-chaves: Criança - discriminação, Escola – preconceito racial, Cabelos crespos-crianças

ABSTRACT

This monograph is the result of a study about the discrimination that black children are exposed. Initially we will see some common referrals such discrimination in the school context from the view of some scholars, then elucidated some ways that can promote low self-esteem because they spend these children, not only with respect to physical appearance (curly hair) but also psychological. Finally, the future prospects for correcting these situations will be discussed from the work that the teacher can develop in the classroom, which is among others, for the beauty of black or Afro-descendant people. And for ease of understanding, this paper is organized as follows: Introduction where there was a concern to present all referenced material to the issue in question; the second part concerning the use of the concepts of race, ethnicity and racism, prejudice, discrimination. The third part has an exhibition about the suffering they are exposed to black children and should be avoidable, followed by a discussion of the change of the company on curly hair and some productions that deal with the curly hair. And finally, the final considerations of this study aims to contribute in debunking the negative light that has been imposed on the curly hair of black children.

Keywords: children- discrimination, school-racial prejudice, frizzy hair-children

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. ABORDAGEM CONCEITUAL: raça, etnia, racismo, preconceito e discriminação.	13
2.1. Raça e Etnia.....	13
2.2. Racismo.....	16
2.3. Preconceito.....	17
2.4. Discriminação.....	18
3. O SOFRIMENTO DAS CRIANÇAS NEGRAS É EVITÁVEL	21
3.1. Os cabelos crespos e a mudança na sociedade atual	23
3.2. Algumas produções sobre os cabelos crespos das crianças.....	25
3.2.1. O VÍDEO: “Cabelo duro? Carolina afirma que não!”	25
3.2.2. O LIVRO O CABELO DE LÊLE	25
3.2.3. MATERIAL DO PROGRAMA A “COR DA CULTURA”	27
CONSIDERAÇÕES FINAIS	28
REFERENCIAS.....	29
IMAGENS EM MOVIMENTO.....	31

1. INTRODUÇÃO

Nessa abordagem apresentaremos uma reflexão sobre a discriminação a que estão expostas as crianças negras no contexto escolar. A terminologia crianças negras doravante passa a ser chamada em alguns momentos, nesse documento de afrodescendentes. O presente tema foi escolhido primeiro pelo fato de ser professora da educação fundamental, e em segundo lugar pela identificação com a disciplina Educação Infantil com Ênfase na Criança Negra, ofertada como um dos créditos do Curso de Especialização do qual participei na condição de aluna.

A opção e definição por analisar parte da produção bibliográfica e não bibliográfica acerca dos cabelos crespos foi decisiva para a construção dos pensamentos elucidados nesse relato. Por isso é que se faz necessário salientar que foi de suma importância pesquisar este tema, não somente a partir do acervo bibliográfico referenciado mas também das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, pois a discriminação a que muitas crianças estão expostas implica dizer que, elas sofrem por serem negras, e por possuir cabelos crespo. Resultando em muitos aspectos negativos por causa dos seus cabelos.

Dessa forma com esta pesquisa desejo contribuir para a desconstrução da ideia da sociedade acerca do “cabelo ruim”, e assim, impulsionar o processo para que a sociedade passe a ter um olhar diferente sobre as crianças negras, e em especial na sala de aula. Desta forma é preciso que os profissionais da educação reconheçam a importância da afirmação da identidade étnica, levando em conta os valores culturais dos alunos e respeitando a história de seu grupo de pertencimento étnico/social. Essa movimentação pelo reconhecimento étnico-racial incidirá, principalmente sobre a criança negra mostrando que ela deve ter orgulho da sua cor e de seu “cabelo” enfatizando que nessa condição ocasionará em ajudá-las a perceberem que o seu cabelo não é ruim, e sim crespo, porém muito bonito e belo. Todavia, as crianças que não são negras também sentirão o impacto positivo pois passarão a perceber a beleza e a importância das colegas negras nesse contexto escolar, e por que não dizer em outros ambientes dos mais diferentes grupos sociais que elas possam fazer parte assim dizer igreja, família, agremiação sindical, etc.

No que diz respeito à natureza da pesquisa bibliográfica, essa classifica-se como qualitativa, pois de acordo com Teixeira, (2009, p.137) “Na pesquisa qualitativa o pesquisador procura reduzir a distância entre a teoria e os dados, entre o contexto e a ação, usando a lógica da análise fenomenológica, isto é, da compreensão dos fenômenos pela sua descrição e interpretação”.

No que se refere ao trabalho com os dados informativos a mesma constou de capítulos de livros referentes à questão, o material do programa “A cor da cultura”, o livro “O cabelo de Lelê” e um vídeo elaborado por uma criança de nome Carolina.

O Material da “Cor da Cultura” faz parte do “Programa A Cor da Cultura” que é um projeto educativo de valorização da cultura afro-brasileira, no qual, são realizados produtos audiovisuais, ações culturais e coletivas que visam práticas positivas e valorizam a população afro-brasileira. Do material consultado selecionei um DVD no qual no episódio 03, fala-se sobre cabelos, que é a obra O mundo no Black Power de Tayó de Kiusam de Oliveira.

A obra O Cabelo de Lelê, de Valéria Belém apresenta a história de Lelê que é uma menina negra que não entende o porquê dos seus cabelos serem crespos, e essa resposta ela encontra em um livro, onde descobre sua história e a beleza da herança africana.

O vídeo elaborado por Carolina, intitulado “Cabelo duro? Carolina afirma que não!”, mostra o momento de uma menina de 8 anos, negra, que possui lindos cabelos, estilo *Black Power*. A garota é dona de uma autoestima incrível e no vídeo ela apresenta uma consciência da sua identidade, e diz que combate e se defende de todas as formas de preconceito, principalmente com o seu cabelo. Além de buscar conscientizar as pessoas sobre a beleza do seu cabelo ela afirma que não precisa mudá-lo, pois é lindo da forma como é.

Diante do exposto, o referido estudo divide-se da seguinte forma: a Introdução em que houve a preocupação em apresentar todo o material referenciado bem como a temática em questão; a segunda parte referente ao uso dos conceitos de raça, etnia e racismo, preconceito, discriminação. A terceira parte tem uma exposição sobre o sofrimento a que estão expostas as crianças negras e que deve ser evitável, seguido de uma abordagem sobre a mudança da sociedade sobre os cabelos crespos e algumas produções que tratam sobre os cabelos crespos. E para finalizar, as considerações finais acerca deste estudo que pretende contribuir na desmistificação da ótica negativa que foi imposta sobre o cabelo crespo da criança afrodescendente.

2. ABORDAGEM CONCEITUAL: raça, etnia, racismo, preconceito e discriminação.

A apresentação de conceitos é importante para que a leitura seja compreendida, e atendendo a essa necessidade, essa escolha se deu principalmente por está diretamente relacionada com a temática discutida nessa abordagem, a saber: raça e etnia, racismo, preconceito, discriminação.

2.1.Raça e Etnia

Segundo Munanga (2004, p.17): “Etimologicamente, o conceito de raça veio do italiano *razza* que, por sua vez, derivou do latim *ratio*, que significa sorte, espécie, categoria”. Durante alguns anos, raça foi um termo utilizado para caracterizar variadas plantas que se diferenciavam em tamanho, cor das folhas e outras características. No século XVIII o termo passou a ser utilizado de outra forma, definindo as raças, branca negra e amarela e nesse sentido a concentração de melanina (sendo uma proteína que garante a coloração da pele e evita danos da radiação ultravioleta ao nosso DNA), se tornou fator determinante para separar os seres humanos em categorias denominadas “raças” que acabaram sendo sobrepostas, e a branca ocupou a parte considerada superior ficando assim acima de todas as outras.

As características biológicas foram observadas para iniciar a separação de uma raça da outra. Porém com os avanços tecnológicos e genéticos percebeu-se que não há diferenciação nos genes, ou seja, não existe raça superior quanto à questão genética e assim os seres humanos são todos iguais.

O antropólogo Munanga (2004) corrobora com a ideia da igualdade genética dos seres humanos citando que entre os Homo Sapiens não há a possibilidades da existência de raças diferentes. Assim ele assinala o seguinte:

A classificação da humanidade em raças, hierarquizadas desembocou numa teoria pseudocientífica, a raciologia, que ganhou muito espaço no início do século XX. Na realidade apesar da máscara científica, a raciologia tinha um conteúdo mais doutrinário do que científico, pois seu discurso serviu mais para justificar e legitimar os sistemas de dominação racial do que como explicação da variabilidade humana. (...) Depois foram recuperados pelos nacionalismos nascentes como o nazismo legitimar as exterminações que causariam à humanidade durante a segunda guerra mundial (MUNANGA, 2004, p.22).

A construção do conceito de raça e a hierarquização delas elegendo uma raça como superior a outra, foi responsável pelo genocídio dos judeus, pois estes foram eleitos por nazistas que fizeram uso de discursos ideológicos para justificar tal atrocidade. Aqueles que se consideravam uma raça superior viam os judeus como inferiores, impuros e culpados por certas mazelas sociais, e isso resultou na grande aceitação entre os que praticavam a violência, conforme aponta Adorno (2011).

Ainda segundo os estudos de Munanga (2004), a construção do termo raça possui uma base ideológica que visa o poder e a dominação da raça branca sobre a negra. O autor reitera que:

Se na cabeça de um geneticista contemporâneo ou de um biólogo molecular a raça não existe, no imaginário e na representação coletivos de diversas populações contemporâneas, existem ainda raças fictícias e outras construídas a partir das diferenças fenotípicas como a cor da pele e outros critérios morfológicos. É a partir dessas raças fictícias ou “raças sociais” que se reproduzem e se mantêm os racismos populares. (MUNANGA, 2004, p.22).

Vale ressaltar que na identificação das pessoas pelo conjunto dos fenótipos, alguns elementos ganham destaque, a exemplo da cor da pele e do tipo de cabelo. Assim, a pessoa com pele que contém mais melanina e que tem cabelos crespos ou cacheados é penalizada com preconceito e discriminação raciais, logo sofrem ações racistas.

Dito isso, observamos como “o racismo está depositado no mais fundo da cabeça dos homens” (SANTOS, 1984, p. 35), e o mesmo se torna um perigo quando classifica pessoas como superiores a outras. Segundo Juan Comas,

A pigmentação relativamente escura é uma marca de diferenciação que condena numerosos grupos a desprezo, ao ostracismo e a uma posição social humilhante. O preconceito de cor é tão acentuado em certas pessoas que dá origem a fobias quase patológicas, estas não são inatas, mas refletem de uma forma exagerada, os preconceitos do meio social. Afirmar que um homem é um ser humano inferior ao outro porque é negro é tão ridículo como sustentar que um cavalo branco será necessariamente mais ligeiro que um cavalo negro (COMAS 1970, p. 26).

Assim atitudes racistas precisam ser combatidas, pois elas têm provocado consequências desastrosas a milhões de seres humanos que muitas vezes veem seu direito à igualdade negado, devido à cor da sua pele. No que diz respeito à cor da pele, há a afirmação de que este é um elemento de pouca importância para tornar um povo inferior ou superior :

Mera característica externa, transmissível por hereditariedade, o conjunto de genes responsável por ela é parte da reserva genética comum a toda a raça humana— as diferenças de cor entre os homens se devendo, por um lado, à diversidade de combinações que os grupos humanos sacam da reserva comum; e, por outro, às condições ecológicas que foram encontrando sua difusão pelo globo. A cor escura, por exemplo, não é privativa do negro africano, mas marca também dos hindus, e diversos povos ameríndios, sendo, de qualquer jeito, uma variação demasiado insignificante do tipo médio humano (SANTOS, 1990, p. 11 apud SANT'ANA, 2005, p.58-59).

Isto posto, observa-se que a cor da pele não é um dado importante do ponto de vista biológico para que as pessoas sejam oprimidas e humilhadas na sociedade pelo simples fato de possuir alta concentração de melanina em sua pele. Assim, sendo de pouca relevância para o biológico outro termo passou a ser utilizado que é : etnia.

Todavia, o termo raça ainda é muito utilizado no senso comum e em algumas pesquisas acadêmicas e esta utilização vem do que muitos dicionários ainda mantêm que é a definição de raça em termos de características físicas transmitidas por hereditariedade. Isto posto, vê-se que raça é um termo que por si só aponta para o preconceito, pois foi criado para diferenciar seres humanos que pertencem ao mesmo reino.

Na insuficiência ou na recusa ao termo raça temos o conceito de etnia, considerado por Munanga (2004, p. 28) como sociocultural, histórico e psicológico.

Uma etnia é um conjunto de indivíduos que, histórica ou mitologicamente, têm um ancestral comum; têm uma língua em comum, uma mesma religião ou cosmovisão; uma mesma cultura e moram geograficamente num mesmo território. Algumas etnias constituíram sozinhas nações. Assim o caso de várias sociedades indígenas brasileiras, africanas, asiáticas, australianas, etc.. que são ou foram etnias nações.

Com o uso do conceito de etnia existe a possibilidade de ser considerada as interações entre os seres humanos em um determinado grupo, independente que sejam amarelos, brancos ou negros; o que será considerado é o fato de residirem num mesmo território, falar a mesma língua, ou seja, costumes semelhantes. Considerando o nascimento e morte das pessoas, as etnias se iniciam e se findam. Portanto, o conceito de etnia está relacionado aos aspectos sociais, biológicos, psicológicos dos indivíduos que vivem em um mesmo espaço geográfico, falam a mesma língua e possuem características semelhantes considerando o meio em que vivem (MUNANGA, 2004, p.

29). Assim etnia não possui um conceito fixo, ela pode variar de acordo com o tempo, o aumento populacional, a mistura de culturas entre outros aspectos.

2.2.Racismo

O racismo é considerado uma ideologia que determina a existência de hierarquia entre os grupos humanos, alimentada pela ideia que não encontra base científica de que há diferenças genéticas entre os seres humanos. Este conceito possui raízes profundas e negativas e acerca do povo negro, o que resultou em discriminações e o deixou à margem da sociedade, porém ao mesmo tempo, possibilitou uma conquista para esse grupo humano que durante muitos anos foi marginalizado na sociedade.

Hoje a aplicação de tal termo visível em ações humilhante e depreciativas se constitui um crime inafiançável e imprescritível, cujo autor está sujeito à pena de reclusão, de acordo com o Artigo 5º da Constituição Brasileira (1988). Inciso XLII – a prática do racismo “constitui crime inafiançável e imprescritível, sujeito a pena de reclusão, nos termos da lei”. A garantia dada pela Constituição Federal possibilitou a sanção da Lei nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989: “Define os crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor.”(BRASIL. Lei 7716)

Esse mesmo racismo afirma que umas pessoas são superiores a outras pelo fato de pertencerem a uma raça específica, mas de fato não existe, cientificamente falando, nada que se comprove a existência de raças diferentes ou superiores.

O termo racismo está estritamente ligado à suposição de que há raças, e posteriormente, a caracterização biogenética de fenômenos puramente sociais e culturais. Além disso, é uma forma de dominação de um grupo sobre outro, tomando como base características biológicas. Na atualidade, esta discussão tem forte presença na sociedade brasileira, sendo apontada diversas situações nas quais são identificadas como racistas, inclusive no ambiente escolar.

Portanto, muitas pessoas reconhecem a sociedade racista e sabem que o racismo precisa ser combatido tendo em vista que o discurso da igualdade racial precisa ser disseminado, e as práticas sociais precisam ser consolidadas, como o que vem acontecendo a partir da Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012, conhecida por Lei das Cotas nas Instituições Federais de Ensino com o acesso de estudantes negros nas universidades. Ao mesmo tempo que essa postura objetiva promover garantias de

acesso, deixa algumas interrogações, parecendo mais que esse grupo social deve ser contemplado apenas pela cor da sua pele e não pelo conhecimento e contribuições que pode apresentar. Por isso mesmo é necessário enfatizar a importância da Lei das Cotas, pois num país com características de uma justiça social falha muitas pessoas não atentam sobre a negação das oportunidades ao povo negro no Brasil, sobretudo no que diz respeito ao processo escolar.

Apesar de a lei proteger ou garantir direitos quando falamos em racismo, nosso pensamento remete imediatamente ao negro, pois foram eles que sofreram e ainda sofrem com os resquícios de uma escravidão que gerou pensamento e situações alarmantes. Acerca disso Ruiz (1988, p. 100) declara que:

[...] há uma relação muito próxima entre a escravidão a que foram submetidos os negros e a recusa às pessoas de cor negra... O estigma em relação aos negros tem sido reforçado pelos interesses econômicos e sociais que levaram os povos negros à escravidão. Daí o negro ter se convertido em símbolo de sujeição e de inferioridade. E este conceito negativo sobre o negro foi forjado (RUIZ, 1988, p. 100).

2.3.Preconceito

O Programa Nacional de Direitos Humanos, 1998 (apud LOPES, 2005, p.188) define o preconceito:

...como atitude, fenômeno inter grupal dirigido a pessoas ou grupos de pessoas; e predisposição negativa contra alguém; algo sempre ruim: predisposição negativa, hostil, frente a outro ser humano; desvalorização do outro, como pessoa, considerado indigno de convivência no mesmo espaço, excluído moralmente.

Conforme aponta Agnes Heller Sant'Ana (2001, p. 54), preconceito possui ligação com o fenômeno social, porém é direcionado para a esfera dos fenômenos psicológicos pois ele está fundamentado no julgamento das pessoas sobre outras pessoas. Em outras palavras, o preconceito localiza-se na consciência dos indivíduos e pode ser entendido a partir da compreensão de que ninguém é obrigado a gostar de alguém, mas, é obrigado a respeitar os seus direitos.

Preconceito é um julgamento, muitas vezes imposto pelo meio social, ou até mesmo pela esfera educacional na qual o indivíduo está inserido. Ele é responsável pela relação de uma pessoa com a sociedade. Assim, torna-se uma espécie de mediador de todas as relações humanas.

É importante ressaltar que: “Como o preconceito não é inato, nele está presente a interferência dos processos de socialização, que, como foi dito, obrigam o indivíduo a se modificar para se adaptar” (CROCHIK, 2006, p.18) ele se instala nos indivíduos como produto das relações estabelecidas entre os conflitos psíquicos e a estereotipia do pensamento. Com base nas generalizações construídas na sociedade as pessoas julgam no plano mental as outras. Por isso o preconceito é um fenômeno psicológico. Ele reside apenas na esfera da consciência e/ou afetividade dos indivíduos e por si só não fere direitos.

Dessa forma é oportuno colocar que:

Quando uma pessoa está tão convencida de que os membros de determinado grupo são todos violentos e atrasados (ou, ao contrário, decentes, brilhantes e criativos), a ponto de não conseguir vê-los como indivíduos, e se nega a tomar conhecimento de evidências que refutam essa sua convicção, então, estamos diante de uma pessoa preconceituosa. (BÉATO,1998, p.1 apud SANT’ANA,2005,p.62)

As diversas formas de preconceito acabam por se transformar em opiniões formadas que não podem ser questionadas e que são transmitidas a partir das relações interpessoais.

Diante de tantas formas de preconceito, este estudo enfatiza o racial, por ser foco do nosso objeto, o preconceito racial é um julgamento negativo em relação a uma pessoa devido a sua etnia. Geralmente ocorre de forma oral, através de piadas de mau gosto, ou até mesmo injúrias e vem acompanhado de uma atitude discriminatória. E em muitas situações podemos observar que ele pode se tornar um problema, na medida em que segrega a própria condição do indivíduo ser, separando-o dos mais diversos grupos sociais que possa frequentar.

2.4.Discriminação

Discriminação é o nome que recebe uma atitude, ação, ou omissão que viola os direitos das pessoas fundamentada em estereótipos como raça, sexo, idade, opção religiosa e outros. Como parte do próprio nome traz, é uma ação (no sentido de deixar fazer algo) que resulta em violação dos direitos (PROGRAMA NACIONAL DE DIREITOS HUMANOS, 1998).

Conforme o artigo 7 da Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948: Todos são iguais perante a lei e têm direito, sem qualquer distinção, a igual proteção da lei. Todos têm direito a igual proteção contra qualquer discriminação, sem qualquer discriminação que viole a presente Declaração e contra qualquer incitamento a tal discriminação."(DECLARAÇÃO Universal dos direitos humanos, 1948)

A Organização das Nações Unidas vem desenvolvendo diversas ações no sentido de combater e extinguir todas as formas de discriminação, uma vez que a sociedade que cultiva discriminações provoca prejuízos de convivência e conseqüentemente, outros tipos de prejuízos. Lopes (2005, p.188) corrobora citando que:

[...] a discriminação supervaloriza determinadas culturas, dá ao dominador a idéia de que é o melhor e desenvolve no discriminado o sentimento de menos-valia. Permite que a sociedade seja considerada sob duas óticas divergentes: Do discriminador, que manda e se considera o mais capaz, o mais culto, o dono do mundo e das pessoas, que sempre estabelece as regras do jogo que lhe interessa, que mantém sua auto-estima em alta à custa do outrem; a do discriminado, que fica à mercê das decisões do discriminador, o qual tenta organizar a vida do grupo social em função de seus interesses e privilégios; que tem de lutar bravamente para elevar sua auto-estima, que tem de construir sua identidade a duras penas.

Percebe-se que a discriminação traz uma bagagem negativa para o discriminado e interfere diretamente no seu desenvolvimento emocional e o seu combate tem na escola um local propício. No meio educacional os/as alunos/as estão no processo de formação de caráter e as reflexões trazidas pelo/a professor/a podem interferir diretamente nesta formação. Acerca disto Lopes (2005, p.189) cita que:

A escola, como parte integrante dessa sociedade que se sabe preconceituosa e discriminadora, mas que reconhece que é hora de mudar, está comprometida com essa necessidade de mudança e precisa ser um espaço de aprendizagem onde as transformações devem começar a ocorrer de modo planejado e realizado coletivamente por todos os envolvidos, de modo consciente. [...] a educação escolar deve ajudar professor e alunos a compreenderem que a diferença entre pessoas, povos e nações é saudável e enriquecedora; que é preciso valorizá-las para garantir a democracia que, entre outros, significa respeito pelas pessoas e nações tais como são, com suas características próprias e individualizadoras; que buscar soluções e fazê-las vigorar é uma questão de direitos humanos e cidadania.

Ao combater as formas de discriminação, a escola estará contribuindo para a formação de cidadãos/os críticas/os e conscientes do seu papel na sociedade, e isto compreende a valorização de todas as etnias e culturas.

A seguir elencamos tipos de discriminações mais comum e que precisam ser combatidas com prioridade:

- **Discriminação Racial**, significa qualquer distinção, exclusão, restrição ou preferências baseadas em raça, cor, descendência ou origem nacional ou étnica. Ocorre quando a igualdade de tratamento é negada a uma pessoa ou a um grupo de pessoas em razão de sua origem. “É atitude ou ação de distinguir, separar as raças, tendo por base idéias preconceituosas”. (LOPES, 2005, p.187) Esta é uma das piores forma de discriminação porque o discriminado não pode mudar características raciais que a natureza lhe deu.
- **Discriminação de Gênero**, necessita de que se coloque a definição de gênero e para o Conselho Estadual da Condição Feminina de S. Paulo, “ gênero é definido como sexo socialmente construído...” Ao nascer somos machos ou fêmeas, isto é, nascemos com aparelhos biológicos sexuais diferentes.

Contudo, a sociedade, através de seus poderosos mecanismos de socialização – linguagem, família (onde são introjetados os primeiros e fortes conteúdos culturais), escola, religião, meios de comunicação – e finalmente, o Estado, através de leis, vão formando homens e mulheres com comportamentos masculinos e femininos bem definidos. A ambos têm sido destinados papéis sociais rígidos. Aos homens, em geral, cabem as tarefas de prestígio, autoridade e criatividade: economistas, cientistas, políticos, médicos, etc. Às mulheres, tarefas pouco reconhecidas socialmente como donas-de-casa, mãe e esposa. Até bem pouco tempo, quando executavam tarefas fora do âmbito do lar, exerciam, em geral, atividades que são uma extensão de suas atividades domésticas: professora, enfermeira, secretária, etc.” (SÃO PAULO. Conselho Estadual da Condição Feminina, 1996, p. 1).

Além da Discriminação há o estereótipo, que conforme definição de Sant’Ana (2005,p.65): “O estereótipo é a prática do preconceito. É a sua manifestação comportamental. O estereótipo objetiva (1) justificar uma suposta inferioridade; (2) justificar a manutenção do status quo; e (3) legitimar, aceitar e justificar: a dependência, a subordinação e a desigualdade..

3. O SOFRIMENTO DAS CRIANÇAS NEGRAS É EVITÁVEL

No trabalho realizado pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância - UNICEF em 2010, está registrada a informação sobre a mudança que aconteceu no Brasil alterando a vida das famílias e conseqüentemente das crianças no que se refere à redução da mortalidade infantil, aumento da renda familiar e intensificação nas políticas de ensino. Todavia a situação das crianças indígenas e negras requer a intensificação das políticas direcionadas à saúde, ensino e assistências às suas famílias. Diz o relatório:

Essas crianças e adolescentes ainda vivem em contextos de desigualdades. São vítimas do racismo nas escolas, nas ruas, nos hospitais ou aldeias e, às vezes, dentro de suas famílias. Deparam-se constantemente com situações de discriminação, de preconceito ou segregação. Uma simples palavra, um gesto ou um olhar menos atencioso pode gerar um sentimento de inferioridade, em que a criança tende, de forma inconsciente ou não, a desvalorizar e negar suas tradições, sua identidade e costumes. (UNICEF, 2010,p.3).

A constatação do UNICEF acerca de que a situação de discriminação, de preconceito e de segregação pode ser gerada por atos ou gestos às vezes não perceptíveis para as pessoas adultas. Entretanto para as crianças pode gerar sofrimento, uma experiência que faz parte do processo de vida de qualquer ser vivo (plantas, bichos e gente) mas, em alguns casos, o sofrimento é inevitável e evitável.

Acerca do sofrimento evitável , a psicóloga Vieira(2007) afirma que há: [...] aqueles que não necessariamente devem fazer parte da existência humana, aquele sofrer que provavelmente foi criado inconscientemente por nós, que se constituiu na nossa forma de viver em relação aos outros e ao mundo. É um padrão de comportamento que acaba gerando sofrimentos recorrentes, criando assim uma predisposição psicológica expressa por uma atitude de sofrimento diante da vida funcionando como uma droga.

A partir da contribuição da psicóloga, retomamos ao que alertou o UNICEF sobre a ação de “uma simples palavra, um gesto ou um olhar menos atencioso pois pode ser uma ação que vai gerar sofrimento evitável, uma vez que se uma pessoa, principalmente um/a educador/a, dirigir uma palavra, desenvolver um gesto ou direcionar um olhar com motivações racistas, produzirá o sofrimento gestado nas relações sociais.

Se o preconceito racial e o racismo são produzidos na sociedade, estes são aprendidos e desaprendidos e assim, a criança pode aprender a preconceituar e a discriminar apenas por ver os adultos procedendo dessa forma. A prática da

discriminação racial e do racismo é uma violação de direitos, condenável em todos os países pois ele nega ao ser humano a possibilidade de vida entre diferentes povos e culturas.

Apesar de ser um fenômeno social o racismo causa impactos danosos do ponto de vista psicológico e social na vida de toda e qualquer criança ou adolescente e quando se trata de crianças negras a gravidade é acentuada pois as várias produções na sociedade brasileiras estão plenas de palavras, imagens e sons racistas ou seja livros didáticos, livros de literatura, programas televisivos, músicas etc.

O bombardeio de informações e ações racistas em vários ambientes e instituições sociais deu forma no Brasil, à lei 7716, de 9 de janeiro de 1989 que considera o racismo um crime inafiançável.

Antes de tudo devemos compreender que a escola é o lugar que contribui fundamentalmente na formação do sujeito em todos os seus aspectos, inclusive no que diz respeito à identidade racial e todas as suas problemáticas portanto, é um espaço onde não deve ser permitido o sofrimento evitável.

A professora Crislane Barbosa Azevedo (2011), chama a atenção para que na educação com crianças seja entendido e conhecido os direitos da criança e que esta tem história e para tanto diz:

Ao olhar para alunos que descendem de africanos, o professor comprometido com o combate ao racismo deverá buscar conhecimentos sobre a história e cultura deste aluno e de seus antecedentes. E ao fazê-lo, buscar compreender os preconceitos embutidos em sua postura, linguagem e prática escolar; reestruturar seu envolvimento e se comprometer com a perspectiva multicultural da educação (ROMÃO, 2001, p.20 apud AZEVEDO, 2011,p.177).

Após esta citação posso enfatizar que o Curso de Especialização em Educação Étnico Racial na Educação Infantil, contribuiu muito para o aprendizado dos professores cursistas, mostrou-nos como identificar e combater o racismo, o preconceito, e a discriminação na educação infantil, um curso de grande potencial, que sem dúvidas mudou a concepção e o olhar de todos nós, a respeito destes conceitos. Trouxe-nos conhecimentos, que muitos desconheciam, hoje temos a consciência que devemos começar a trabalhar esses temas na Educação Infantil.

3.1.Os cabelos crespos e a mudança na sociedade atual

O olhar e os atos preconceituosos e a discriminação sobre as pessoas negras tem o corpo como objeto e assim a pele, o formato do nariz, da boca, a forma do corpo e os cabelos são tratados como sendo de pessoas menos bonita ou de seres humanos inferiores. Essa visão deve ser modificada porque:

Na cultura negra o corpo é fundamental e sobre este se assenta toda uma rede de sentido e significações, uma vez que não é apartado do todo, pertence ao cosmos, faz parte do ecossistema. O corpo integra-se ao simbolismo coletivo na forma de gestos, posturas, direções do olhar, mas também de signos e inflexões micro-corporais, que apontam para outras formas perceptivas. (SODRÉ, 1996, p. 31 apud BRASIL MEC, 2006, p.60).

Das partes externas do corpo, o cabelo é o alvo maior de preconceito constante, fato que é explicado por Silva (apud Munanga, 2005, p. 28),

Os cabelos crespos das crianças afro-descendentes são identificados como cabelo “ruim”, primeiro pelas mães, que internalizaram o estereótipo; e, na escola, pelos coleguinhas, que põem os mais variados apelidos nas tranças e nos cabelos crespos ao natural.

O cabelo por ser alvo de brincadeiras e apelidos, a criança passa a não gostar do mesmo, porém o cabelo faz parte da cultura negra. Por isso ele deve sim ser valorizado. Devemos incentivar as crianças a gostar do seu cabelo do jeito que ele é, seja ele encaracolado, crespo, armado. De acordo com Santana:

Outra forma de possibilitar uma visão positiva a respeito dos traços físicos das pessoas é trazer informações e histórias sobre os penteados em diversas culturas. Por exemplo, fazer tranças nos cabelos faz parte da tradição da população negra desde tempos antigos no continente africano, assim como em diversas regiões do Brasil. A maioria das famílias negras adota esses penteados: crianças, jovem, adultos; homens mulheres. Existe uma infinidade de tipos de tranças. Esses penteados mais recentemente tem se entendido para outros grupos não- negros principalmente jovens. Valorizar esse aspecto da cultura trazido pelas crianças negras supõe observação cuidadosa por parte das educadoras.[...] (SANTANA, 2006, p.47-48)

As Crianças negras sofrem constantemente discriminação por causa de seus cabelos, que por serem crespos, ficam mais alto, armado. E por isso muitas meninas, em especial, tem seus fios criticados quando os mesmos estão soltos. Elas escutam

expressões racistas como cabelo fuá, cabelo ruim, cabelo pixaim, cabelo desarrumado e etc.

A sociedade quer impor um padrão de beleza a ser seguido, padrão esse que não existe, porque não se aplica a compreensão de que tem que ter cabelo liso e todo arrumadinho para ser bonita ou se sentir bem.

Trent (apud JERSIL, p. 247) notou que as crianças negras que expressavam sentimentos positivos sobre si mesmas, manifestavam também mais sentimentos positivos em relação aos outros negros e aos brancos do que as crianças que eram menos positivas nas suas atitudes em face de si próprias.

As denominações e associações negativas em relação à cor preta podem levar as crianças negras, por associação, a sentirem horror à sua pele negra, procurando várias formas de literalmente se verem livres dela, procurando a “salvação” no branqueamento. Guimarães (1988, p. 71), numa narrativa biográfica, ilustra uma dessas tentativas:

A idéia me surgiu quando minha mãe pegou o preparado e com ele se pôs a tirar da panela o carvão grudado no fundo.(...) eu juntei o pó restante e com ele esfreguei a barriga da perna. Esfreguei, esfreguei e vi que, diante de tanta dor; era impossível tirar todo o negro da pele.

Diante dessa narrativa biográfica, vemos que para muitas crianças ser negro(a), e muito difícil e até doloroso, por esta razão, a criança já começa a negar sua identidade. A partir daí devemos mostrar que a diferença pode ser bela, e não sinônimo de desigualdade, devemos incentivar e valorizar a autoestima das crianças.

Há na sociedade contemporânea várias ações que pretendem valorizar os cabelos crespos e cacheados nas modalidades de vídeo, aparição em programas televisivos, livros de literatura infanto-juvenil dentre outros.

Assim, apresento uma análise de 01 vídeo que traz a fala positiva de uma garota acerca dos cabelos crespos, do livro o cabelo de Lelê que valoriza os cabelos crespos e do programa A cor da cultura, que é um projeto educativo de valorização da cultura afro-brasileira.

3.2. Algumas produções sobre os cabelos crespos das crianças

3.2.1. O VÍDEO: “Cabelo duro? Carolina afirma que não!”

Aos analisar o vídeo de Carolina uma menina de 8 anos, negra com seus lindos cabelos Black Power, dando uma aula de auto estima, consciência de identidade e combate ao preconceito para outras crianças e incentivando-as com o seu cabelo que é lindo e volumoso e de como lidar com as críticas de suas colegas da escola que tem cabelo liso. O intuito dar mensagem é a liberdade de ensinar outras crianças a se amarem do jeito que são, negras com seus lindos cabelos e superando o racismo desde a infância.(MONTEIRO,Carolina,[2015])

3.2.2. O LIVRO O CABELO DE LÊLE

A obra O Cabelo de Lelê, apresenta a história da estética negra como um importante fator na construção da identidade. Lelê é uma menina negra que não entende o porquê dos seus cabelos crespos, de onde vêm tanto cachinhos (figura 1)? Pergunta, sem saber o que fazer, então ela resolve mergulhar na história dos países africanos e passa a contextualizar sua aparência, valorizando suas características, Lelê percebe que ao ler o livro mergulhar em uma história que tudo pode explicar “ depois do Atlântico, a África chama, e conta uma trama de sonhos e medos, de guerras e vidas e mortes no enredo e também de amor no enrolado cabelo; puxado, armado, crescido, enfeitado, torcido, virado, batido, rodado são tantos cabelos, tão lindos, tão belos era assim como Lelê percebeu que eram lindos seus cabelos.(figura 2).

Desse modo, a proposta de atividade de leitura da obra O Cabelo de Lelê, é uma oportunidade de proporcionar aos estudantes o contato com uma literatura infantil, que encanta pela harmonia do seu texto, muitas vezes com rimas, diverte o leitor com as ilustrações e pode sensibilizar, despertando a senso estético e contribuindo para a construção de uma identidade positiva da beleza negra.

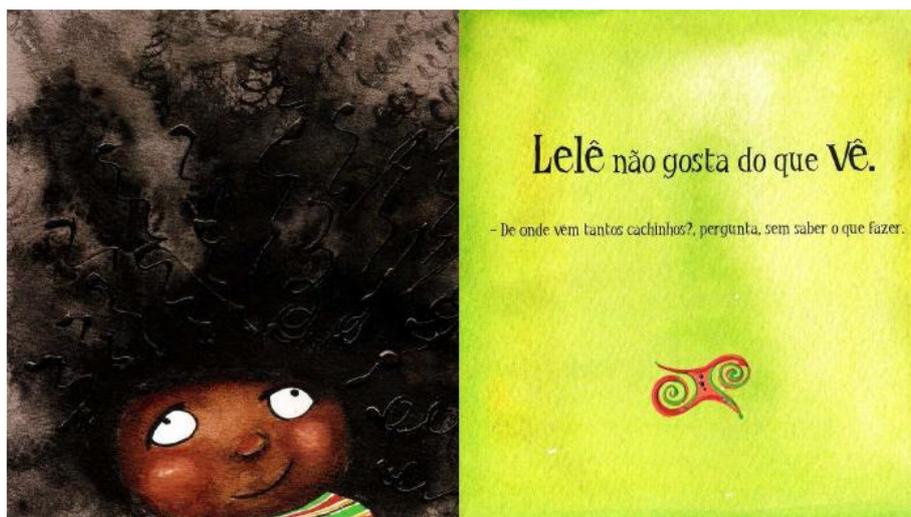


Figura 1- Lelê não gosta do que vê.
Fonte – O cabelo de Lelê, 2012.



Figura 2- Varias forma de cabelos.
Fonte – O cabelo de Lelê,2012.

A literatura infantil em sua apreciação estética propicia aos estudantes a oportunidade de se encantarem com as histórias e ao mesmo tempo refletirem sobre questões que estão presentes em seu cotidiano, como a discussão acerca da construção positiva da identidade e autoestima. Nesse sentido, a obra literária *O cabelo de Lelê* é um importante exemplo de como encantar pelo prisma da fantasia, possibilitando aos educandos uma oportunidade de desenvolverem seu senso crítico perante fatores como a estética e sua relação com a construção da identidade e aceitação das diferenças.(BELÉM,2012)

A obra *O Cabelo de Lelê* é parecida com o vídeo de Carolina no sentido de proporcionar liberdade a estética das crianças a se amarem do jeito que são, negras com

seus cabelos Black Power, afirmando o senso estético e contribuindo para a construção de uma identidade positiva para a beleza negra, incentivando a construção da autoestima através das próprias características.

3.2.3. MATERIAL DO PROGRAMA A “COR DA CULTURA”.

DVD 01 – Episódio 03: O mundo no black power de Tayó, de Kiusam de Oliveira – Ilustrações: Taisa Borges.

Este vídeo é apresentado por Vanessa Pascale e de início ela fala sobre as madeixas, enfatizando que nossos cabelos pode nos ajudar muito a falarmos sobre quem somos e sobre nossa personalidade.

Ela incentiva as crianças, mostrando que o diferente, pode sim ser belo, fala sobre diversos tipos de penteado, e ressalta o black Power. Ela também explica que esse penteado surgiu de um nome que tinha raízes, na década de 1960 quando surgiu um movimento que dedicava-se a exaltar o orgulho de ser negro e marcava o cabelo como um forte símbolo da identidade negra. Esse penteado black power ganhou esse nome por causa do seu volume, da sua altura e é um cabelo que chega com atitude, e que cabe muito bem pra homens e mulheres.

Depois ela conta a história da menina que ama seu black power, que é a Tayó, uma menina de 6 anos, dona de uma beleza e uma auto estima rara, encantadora. Sua alegria contagia todo mundo que está perto dela. É uma história infantil que valoriza e incentiva a beleza negra das crianças e a história da África. Um vídeo perfeito para se trabalhar a autoestima das crianças negras. (OLIVEIRA, 2015),

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Refletir sobre a diversidade de cor e raça é valorizar a identidade afrodescendente no sentido de se combater ações de discriminação e preconceito, estes sim são o primeiro passo para se alcançar uma sociedade racialmente justa. No que diz respeito à sala de aula, precisamos colocar os alunos em contato com os elementos que formam cada grupo étnico brasileiro, para que eles sejam capazes de compreender a complexidade dessas identidades e, assim, se afirmar não apenas pela cor da pele ou do cabelo, mas também por outros elementos. Por fim, resta esclarecer que o estudo com a discriminação na sala de aula contribuirá para melhorar processos de ensino-aprendizagem, e não importa as características físicas como cor, cabelo, etc, mas se for brasileiro têm a mesma etnia.

A escola de hoje precisa formar cidadãos democráticos, participativos, solidários, fraternos e conscientes de seus direitos e deveres. O aluno deve partilhar saberes e aprender com o coletivo, modificando o modelo tradicional de pensar e contribuindo para uma mudança em seus conceitos e como ele se relaciona consigo e com os outros. Com tudo o que foi apresentado nessa abordagem, esperamos o envolvimento pleno do educando, onde a discussão, a interação e o conhecimento teórico de todos serão importantes para fortalecer a valorização da competência intelectual, emocional e a autoestima. Cabe ao professor o papel de motivar, valorizar e apresentar para todos os envolvidos nesse processo de construção do saber, personagens negros em diferentes funções sociais, incorporando artistas, escritores e cientistas africanos e afrodescendentes no planejamento das aulas. Para que por meio desse contato, os alunos de diferentes escolas possam passar a considerar natural a presença de afros em cargos de chefia ou como importantes pensadores.

REFERÊNCIAS

ADORNO, T. W.; FRENKEL- BRUNSWIK, E.; LEVISON, DJ. e SANFORD, R.N-
La personalidad autoritária. Buenos Aires: Proyeccion, 1965.

_____. Educação e Emancipação. Tradução Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 2011.

BEATO, Joaquim. **Um novo milênio sem racismo na Igreja e na sociedade.** CENACORA, 1998.

BELÉM, Valéria. **O cabelo de Lêle.** 2ed. Ilustrações de Adriana Mendonça. São Paulo: Col.Ibep, 2012

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Orientações e Ações para Educação das Relações Étnico-Raciais.** Brasília: SECAD, 2006

_____. **O plano de desenvolvimento da educação ,razões, princípios e programas**
Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me004370.pdf>
Acesso em: 16/09/2015.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil – 1988. Brasília, DF, Senado, 1988.

BRASIL. Lei 7716, de de 5 de janeiro de 1989: Define os crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L7716.htm Acesso em: 01 de novembro de 2015.

COMAS, Juan. Os mitos raciais. **Raca e Ciencia I.** Coleção Debate, 1970.

CONSELHO ESTADUAL DA CONDIÇÃO FEMININA – ESTADO DE S.PAULO. Construindo a igualdade entre os sexos. **Cadernos CECF**, novembro de 1994.

CROCHIK, José Leon. **Preconceito, individuo e cultura.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

DECLARAÇÃO Universal dos Direitos Humanos de 1948, artigo 7 – Disponível em http://www.mp.go.gov.br/portalweb/hp/7/docs/declaracao_universal_dos_direitos_do_homem.pdf. Acesso em 26/08/2015

Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira: SECAD/MEC, 2001. Disponível em <http://www.portal.mec.gov.br.c> Acessado em 06 de novembro de 2014 às 19:00hs

GUIMARÃES, Geni Mariano. **Leite do peito.** São Paulo: Fundação Nestlé de Cultura, 1988.

LOPES, Vera Neusa. Afro-Descendência: Pluralidade Cultural Precisa e Deve Abordar a Questão do Negro Brasileiro. **Revista do Professor**. Porto Alegre , v. 19, n 75, p. 25, 2003.

MUNANGA, Kabengele, Org. **Superando o Racismo na Escola**. 2ed. Brasília: MEC/ Secretaria Educação Fundamental, 2005.

_____ Uma abordagem conceitual das noções da raça, racismo, identidade e etnia. In: BRANDÃO, André Augusto P. (org). **Programa de Educação sobre o negro na sociedade brasileira**. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2004.

ORGANIZAÇÃO Internacional do Trabalho, convenção 111- Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1950-1969/D62150.htm. Acesso em 26/08/2015.

PROGRAMA Nacional de Direitos Humanos. Gênero e Raça: Todos pela Igualdade de Oportunidades: Teoria e Prática. Brasília: MTB- A/ Assessoria Internacional, 1998.

ROMÃO, Jeruse. **Por uma educação que promova a auto-estima da criança negra**. Brasília: Ministério da Justiça, CEAP, 2001.

RUIZ, M.Teresa. **Racismo algo, mas que discriminacion**, San José, Costa Rica.Colección Análisis. 1988.

SANT'ANA, Agnes Heller. **O Cotidiano e a História**. 6ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

SANTANA, Patrícia Maria de Souza (Coord). Educação Infantil. BRASIL. Ministério da Educação / Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **Orientações e Ações para Educação das Relações Étnico-Raciais**. Brasília: SECAD, 2006.

SANT'ANA, Antônio Olimpio . História e conceitos básicos sobre o racismo e seus derivados. In: MUNANGA, Kabengele (org). **Superando o racismo na escola**. Brasília: MEC, 2005. p.39-66

SANTOS, S. L. **Hierarquias e poderes no cotidiano escolar**: a organização burocrática à organização de pessoas. Tese de doutorado- Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2011.

SANTOS, Joel Rufino. **A questão do negro na sala de aula**. , 1990 Coleção na Sala de Aula,

SILVA, Ana Célia da . A desconstrução da discriminação no livro didático. In: MUNANGA, Kabengele (org). **Superando o racismo na escola**. Brasília:MEC, 2005. p.30-31

SODRÉ, Muniz. *Reinventando a cultura: a comunicação e seus produtos*. Petrópolis: Vozes, 1996.

TEIXEIRA, Elizabeth. *As três metodologias: acadêmica, da ciência e da pesquisa*. Petrópolis,RJ: Vozes, 2009.

UNICEF. **O Impacto do racismo na infância**; UNICEF 60 anos. Disponível em http://www.unicef.org/brazil/pt/br_folderraci.pdf . Acesso em 01/09/2015.

IMAGENS EM MOVIMENTO

BELÉM, Valéria. **O cabelo de Lêle**. Ilustrações de Adriana Mendonça. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RriQiWMnDXU> Acesso em: 01 de novembro de 2015

_____. BELÉM, Valéria. **O cabelo de Lêle**. Ilustrações de Adriana Mendonça. Disponível em; <http://pt.slideshare.net/naysataboada/o-cabelo-de-lele> Acesso em: 01 de novembro de 2015

OLIVEIRA, Kiusam de. **O mundo no Black Power de Tayó**. Ilustrações: Taisa Borges. Programa A cor da cultura DVD 01 – Episódio 03 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=w2c4KVTowSg> Acesso em: 01 de novembro de 2015.

MONTEIRO, Carolina. Cabelo duro? Carolina afirma que não! , [2015] Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=d1d0JxGTGOg> Acesso em:01 de novembro de 2015.